



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das Unidades de Coque, de Hidrotratamento de
Diesel e de Recuperação de Enxofre da Replan**

Paulínia-SP, 14 de setembro de 2004

Meu caro Cláudio Lembo, vice-governador do estado de São Paulo,
Meu companheiro Luiz Gushiken, ministro-chefe da Secretaria de
Comunicação do governo federal,
Meu companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,
Meu caro deputado João Herrmann,
Deputado Durval Orlato,
Meu caro João Avamileno, prefeito de Santo André,
Minha querida Maria Inês Soares, prefeita de Ribeirão Pires,
Minha querida Izalene, prefeita de Campinas,
Meu querido Ramon Velasquez, prefeito de Rio Grande da Serra,
Meu caro Valdison Moreira, gerente geral da Replan que, junto com a
sua esposa nos receberam como se estivéssemos visitando a sua casa,
Meu querido companheiro Ildo Sauer, diretor de Gás e Energia da
Petrobrás,
Meus companheiros,
Minhas companheiras,
Diretores do banco japonês, aqui presentes, do Jbic,
Diretores da Petrobrás,
Companheiros dirigentes sindicais,
Meu companheiro Marinho, presidente da Central Única dos
Trabalhadores,
Trabalhadores das empresas terceirizadas,
Meus queridos jornalistas presentes aqui,



Eu não posso falar o nome do Zica, ele não está presente aqui,

Bom, primeiro, um recado para a minha assessoria: quando eu estiver num ato com o José Eduardo Dutra, sobre a Petrobrás, é preciso passar meu discurso para ele ler, porque todos os números que eu tinha Vossa Excelência já citou aqui. Então, eu vou falar de outra coisa. Seria redundância eu repetir, aqui, todos os bilhões e os quilômetros de gasoduto que vão ser construídos.

Meu querido Sérgio Gabrielli, diretor financeiro da Petrobrás, que os petroleiros o tratem bem, porque está em época de acordo salarial e precisam saber que, no fundo, no fundo, é ele quem vai fazer os cálculos.

Meus amigos e minhas amigas,

Este ato, na minha cabeça, representa mais do que a inauguração de uma nova obra na Replan. Replan essa que eu tive a oportunidade de visitar muitas vezes, como dirigente sindical, para fazer assembleias na sua porta.

Quando a gente está anunciando a inauguração de um gasoduto, eu acho que o significado disso é muito maior se nós analisarmos o que aconteceu e o que precisa acontecer no Brasil.

Nós estamos vivendo um momento, eu diria, muito bom, no nosso país. Nós estamos num momento em que a economia brasileira está demonstrando solidez, em que a economia está crescendo, não com a rapidez que alguns desejam, mas com a solidez que nós entendemos que ela deve crescer.

Estamos certos de que 2004 é o ano em que o crescimento já está mais ou menos garantido. Mas estamos certos que precisamos crescer mais. E estamos certos que precisamos não daquele crescimento que, muitas vezes, acontece no nosso país, de num ano a economia crescer 10% e, no outro ano, crescer zero; no outro cresce 10, no outro cresce zero. Não! Nós queremos crescer de forma continuada. Que seja 4,5%, 5%, mas que isso signifique um novo ciclo de crescimento na nossa economia, que possa durar 10 anos, que possa durar 15 anos ou, quem sabe, possa durar até um pouco mais, para que



a gente possa ter a certeza de que os empregos que queremos criar serão criados; para que tenhamos a certeza de que o Brasil estará cada vez mais competitivo, no mercado internacional; e para que tenhamos a certeza de que o Brasil vai caminhar para que, um belo dia, deixe de ser um país em desenvolvimento e passe a ser considerado, definitivamente, um país desenvolvido. Desenvolvido porque tem alta tecnologia na indústria, desenvolvido porque tem alta tecnologia na agricultura; desenvolvido porque o nosso povo está estudando mais; desenvolvido porque o nosso povo está tendo melhor qualidade de saúde.

Todo mundo, aqui, sabe que essas coisas não acontecem do dia para a noite. Essas coisas acontecem em função de um processo que tem que ser definido por um projeto estratégico de desenvolvimento, às vezes não contentando todo mundo, mas contentando aqueles que pensam e acreditam que o Brasil só pode ir para frente se a gente definir claramente o que nós queremos para o país daqui a 15 ou 20 anos.

Eu trabalho com a firme convicção de que uns dos grandes males do Brasil é que o Brasil é pensado, historicamente, de eleição em eleição. E se for pensado apenas de eleição em eleição, com o mandato de quatro anos, o governante fica sempre muito perturbado com a sua própria reeleição ou com o seu sucessor e deixa de construir aquilo que o Brasil precisa que seja construído. Era como se nós fôssemos plantar um pé de fruta com a única intenção de sermos nós mesmos a chupar aquela fruta. Muitas vezes, os pioneiros não conseguem ter acesso àquilo que eles conseguiram plantar.

E no Brasil, as coisas têm que acontecer exatamente dessa forma. Nós não podemos pensar apenas no ano de 2005 ou 2006. Nós temos que pensar que cada semente que estamos plantando hoje, cada ponto de solda daqueles que vocês viram dar num tubo da Petrobrás, hoje – do gasoduto que vai ligar Campinas ao Rio de Janeiro, ou como querem alguns, aqui, ligando Paulínia ao Rio de Janeiro – cada ponto de solda daqueles significa que nós estamos



desenhando um futuro para os nossos filhos e para os nossos netos, pensando no longo prazo, sem esquecer que é preciso ter medidas imediatas para que a gente possa agilizar o atendimento das necessidades principais de uma parcela da população.

Mas vamos analisar o que está acontecendo neste momento. Não faz muito tempo, eu estava em campanha eleitoral, quando a Petrobrás anunciou que iria contratar plataformas e que o Brasil não tinha tecnologia para produzi-las. O endereço certo era que, talvez, uma empresa espanhola, ou empresa norueguesa, ganhasse essa plataforma. Eu procurei vários companheiros da Petrobrás, procurei vários empresários da indústria naval brasileira, abrimos uma ampla discussão. Houve artigos de jornais feitos pelo presidente da Petrobrás, à época, me contestando, dizendo que era ilusão vender a idéia de que o Brasil tinha tecnologia, de que o Brasil tinha estaleiro, de que o Brasil tinha condição de fazer. Nós resolvemos comprar a briga, provamos que o Brasil tinha tecnologia, provamos que o Brasil tinha estaleiros e poderia fazer as plataformas.

E, hoje, é com muita satisfação que a gente percebe que o Brasil está preparado para produzir as plataformas. E que a Nuclep, que é uma empresa de engenharia brasileira, dada como falida por muita gente, hoje não só está recuperada, Marinho, como vai ajudar a produzir essas plataformas e outras coisas em que ela puder ajudar.

Todos nós sabemos do projeto em que a Petrobrás está trabalhando, para construir ou contratar 22 navios. E todos nós sabemos que a parceria com a Jbic será sempre muito importante para nós, assim como com outros parceiros. Por isso, estamos querendo que o Senado aprove logo o projeto de PPP que está no Congresso Nacional, para que a gente possa, junto com a iniciativa privada, fazer parte das coisas que o Estado brasileiro, sozinho, não tem mais condições de fazer.

Então, hoje, nós estamos com uma indústria naval – quem é do Rio de



Janeiro, aqui, o meu amigo Ênio sabe; quem conhece a indústria naval, e aqui tem empresários da região, sabe perfeitamente bem que nós estamos recuperando a indústria naval brasileira. Não apenas no Rio de Janeiro, porque nós queremos que a Bahia, queremos que Pernambuco, queremos que São Paulo, queremos que o Rio Grande do Sul, queremos que outros estados brasileiros tenham também os estaleiros, para que a gente possa distribuir, nacionalmente, a possibilidade de contratação de obra, seja de plataforma ou seja de navio, feita pela Petrobrás.

A semana passada – eu vou me dirigir a você, companheiro Marinho – eu fui convidado para ir reinaugurar uma empresa metalúrgica muito antiga, que era a Cobrasma, que estava fechada há 10 anos. Eu trabalhei numa empresa durante 17 anos, e essa empresa fechou, em São Bernardo, porque ia construir uma vaga de produzir locomotivas, em Araraquara. Essa fábrica chegou a ter 3 mil empregados, em Araraquara, e nunca produziu uma locomotiva, porque o Brasil tratou de desativar toda e qualquer perspectiva de fazer com que nós tivéssemos um sistema intermodal de transporte completo. E a gente não precisaria abandonar os trens para construir as rodovias ou abandonar as rodovias para construir as hidrovias.

A inteligência, hoje, do mundo, obriga que o sistema de transporte mais perfeito é a combinação entre o transporte fluvial, o transporte rodoviário e o transporte ferroviário. E nós estamos trabalhando intensamente para que as ferrovias brasileiras voltem a ser a grande locomotiva do transporte do nosso país.

E queremos fazer uma combinação. E isso está acontecendo porque nós estamos, praticamente, com 5 mil vagões contratados para produzir, só na empresa que estava fechada e que abriu para produzir vagões.

Eu tive o prazer de entrar na seção onde os trabalhadores estavam lixando umas peças, Marinho, que parecia um Vietnã, tal era a quantidade de fogo ou de fagulhas. E o que eu pude perceber foi a alegria estampada no



rosto dos trabalhadores, que estavam desempregados há 10 anos. Ex-empregados da Cobrasma que voltaram ao trabalho como se tivessem encontrado um filho desaparecido ou tivessem encontrado a própria mulher amada.

O dado concreto é que eles estavam felizes como poucas vezes eu vi estampado no rosto de um trabalhador, pegando no pesado, mas orgulhoso porque estava, outra vez, ganhando, com o seu suor, o pão de cada dia para si e para a sua família.

E essa coisa que está acontecendo, na nossa economia e nas decisões do governo, de tentar fortalecer, cada vez mais, aquilo que é o potencial tecnológico do país, vai acontecendo aos poucos; vai acontecendo sem que a gente imponha, de cima para baixo, medidas que, muitas vezes, não deram certo em outros países e que podem não dar certo no Brasil.

O dado concreto é que nós estamos vivendo um momento histórico, por conta disso. As empresas estão voltando a investir. No Brasil, a gente tinha deixado de produzir trilho. Eu fui ao Rio de Janeiro, uma vez, visitar a Central do Brasil, tinha montanhas de dormentes que tinham sido contratados, comprados, e que não serviam para a ferrovia para a qual eles foram comprados, numa demonstração do pouco caso.

Essa semana, José Eduardo, foi concluído um grupo interministerial, coordenado pela Casa Civil, para ver a situação dos portos brasileiros. A impressão que eu tenho é que, durante muito tempo, o Brasil foi governado sem que as pessoas levassem em conta as pequenas coisas que têm que ser feitas. É como chegar numa casa e encontrar, na pia, uma torneira que está vazando e o cidadão, ao invés de ir, de forma pragmática, comprar uma nova borrachinha, trocar a borrachinha, colocá-la e estancar o vazamento, fica amarrando elástico, amarrando pano, tentando remediar uma coisa simples que poderia ser feita.

Os nossos portos não estavam preparados para a demanda das



exportações que estão acontecendo no Brasil. E, por isso, nós tomamos uma decisão de colocar, como prioridade zero, a recuperação dos nossos portos – e são 11 os principais portos do país, por onde escoam, praticamente, 95% de toda a nossa produção. E não precisa gastar muito dinheiro, José Eduardo. Com 273 milhões de reais, até 2006, nós deixaremos 11 portos preparados para funcionar e aumentar, em 10 bilhões de dólares, o volume de exportação no Brasil.

E nós trabalhamos com a certeza de que outras coisas boas vão acontecer, porque a Petrobrás, além de vir aqui inaugurar este gasoduto e esta obra, tem planos, como disse o José Eduardo, de fazer com que ela dê, como maior empresa nacional, a sua contribuição para o desenvolvimento e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas no Brasil.

Nós temos alguns milhares de quilômetros de gasoduto a ser feito no Brasil. O Ildo está aqui, sabe disso. Portanto, como diretor do Departamento de Gás, ele tem que brigar para o José Sérgio Gabrielli botar a mão no bolso e tirar o dinheiro para financiar. Ou nós temos que procurar os nossos parceiros, na JBIC, para nos ajudar, ou outros parceiros. O dado concreto é que o Brasil não pode mais parar.

Nós, nesse momento, estamos preparando os grandes projetos de infraestrutura para 2005. E tem muita coisa para ser feita no Brasil. Tem muita ferrovia para a gente concluir neste país. Tem muitas rodovias que precisam ser terminadas ou algumas novas a serem feitas. E tem alguns projetos que, da minha parte, são os projetos que eu sonho realizar.

Em um deles a Petrobrás será parceira, será pai, mãe e, quem sabe, filho também, que é o grande projeto de biodiesel que estamos pensando para o Nordeste brasileiro, sobretudo para a parte semi-árida nordestina, para que a gente possa dar àquele povo, que há 300 anos convive com uma seca interminável. No Brasil, adotou-se a mania – o José Sérgio Gabrielli, como nordestino, sabe bem – de se dizer que nós temos que enfrentar a seca. E nós



nunca conseguimos enfrentar, porque o ser humano não consegue enfrentar as intempéries. Ao invés de enfrentar a seca, e estamos perdendo há 300 anos, nós temos que estabelecer as políticas públicas corretas de convivência com a seca, para extrairmos o que pode ser extraído, em função de uma realidade local.

E esse projeto de biodiesel, baseado na mamoma, no Nordeste brasileiro; baseado no dendê e na palma, em outras regiões do país, pode até ajudar a tirar o sufoco da Petrobrás, com a questão do óleo diesel, porque nós já temos acordos com a indústria automobilística, e 2% do biodiesel já pode ser colocado no óleo diesel. E quem sabe a gente consiga avançar muito rapidamente.

E esse projeto, obviamente, só sairá do papel para a prática na medida em que a Petrobrás assumir a responsabilidade pela compra e pela distribuição – eu estou vendo, pela cara dos diretores da Petrobrás, que eles já concordaram com isso – até porque essa é a grande contribuição que a Petrobrás vai dar para uma região onde a maioria não tem carro; você conhece bem porque, embora seja mineiro, construiu sua vida em Sergipe. Ou seja, são os companheiros mais pobres do Brasil, que vivem num lugar que não tem carro, que não tem carro de boi, que não tem carroça. O pessoal passa dias e dias sem ver passar nenhum vizinho por perto.

Então, quem sabe, nós consigamos fazer com o semi-árido nordestino, aquilo que o presidente Roosevelt fez com o Vale do Tennessee nos Estados Unidos. Ou seja, desenvolver uma região que secularmente está esquecida no nosso país.

Da mesma forma, o projeto de revitalização do São Francisco, que todo mundo sabe, era um projeto que Dom Pedro tentou fazer, em 1847, e não se conseguiu fazer até hoje. E nós vamos tentar fazer, apesar do sergipano, aí, ter contrariedades. Mas não é possível que a alma humana do sergipano não permita levar um pouquinho da água do São Francisco a milhões de



nordestinos, que precisam andar léguas e léguas para carregar um pote d'água na cabeça, quando tem, para tomar.

Vocês não sabem o que é tomar água suja. A gente ia no açude pegar água, lá estava um cavalo, uma vaca, a cabra bebendo, fazendo as suas necessidades, a gente pegava aquela água, levava para casa, colocava num pote, deixava assentar, a sujeira abaixava, e a gente tirava com uma caneca. A gente não tinha nem formação para ferver a água. Filtro não existia, a gente bebia daquela água. Por isso é que todos os meus irmãos vieram de Pernambuco com a barriguinha bem...

Então, nós não podemos prescindir de fazer com que a parte mais pobre do Brasil receba os benefícios que as regiões mais ricas já receberam, um dia. Tem lugares em que o mercado por si só dá conta dos investimentos; tem lugares em que o mercado atende as necessidades, porque tem interesse econômico imediato e o retorno econômico é imediato. Mas tem outras coisas que se o Estado não fizer, não acontece.

O empresário pode aceitar participar da parceria em uma estrada, porque terá um pedágio rentável e lhe trará retorno. Eu quero dizer aos empresários que eu concordo com isso, só ponham o dinheiro de vocês aonde vocês puderem ganhar alguma coisa. Mas o Estado tem a obrigação de garantir o direito de ir e vir das pessoas. Então, quando o Estado faz investimento, ele não precisa, enquanto Estado, ficar pensando apenas no lucro. Ele está pensando na socialização dos benefícios que tem que garantir à sociedade.

É assim que nós estamos construindo este país: com a tranquilidade com que precisa ser construído, sem a pressa de alguns e sem a lerdeza de outros, mas com a certeza de que estamos dando os passos certos. E vejo esses passos quando eu vejo os trabalhadores – e, diga-se de passagem, eu quero parabenizar os soldadores, porque aquela solda é de soldador profissional, competente, espero que ele ganhe um bom salário pelo trabalho



competente que fez ali, e olhe que ele fez apenas uma amostragem para mim.

Mas, todo mundo sabe da minha obsessão pela geração de empregos, até porque eu tenho na pele a experiência de ter estado um ano e meio desempregado, na grande crise de 1965, e eu sei o que é o desemprego. Agora, também, todo mundo precisa saber que emprego a gente não cria num estalar de dedos. Emprego a gente cria é com política consistente, é acreditando nas coisas que se faz a cada dia, plantando hoje para colher amanhã ou daqui a alguns dias.

E é com muita alegria que, até o dia 1º de julho, nós chegamos a 1.236 milhão de empregos de carteira profissional assinada, sem contar empregada doméstica, sem contar a economia informal. E vamos chegar a mais, porque vamos crescer mais este mês, mais o mês que vem. O que nós queremos é que a sociedade brasileira levante a cabeça e acredite que nós vivemos poucos momentos de auto-estima, como estamos vivendo neste momento, no Brasil. Nós estamos garantindo que o povo brasileiro volte a acreditar em si, que não seja uma “madona” reclamando a vida inteira, como muito de nós a vida inteira fizemos.

Tenho chamado a atenção dos meus companheiros, dirigentes sindicais, de que a luta eminentemente econômica não resolve o problema de nenhuma categoria. É preciso que a gente coloque um projeto de nação para que a gente possa construir junto essa nação, para que a gente possa dar àqueles que não tiveram oportunidades, as oportunidades para as quais somente o Estado brasileiro pode abrir as comportas, para que o povo as tenha. E, neste aspecto, a Petrobrás é o nosso filho mais velho, mais preparado, com mais conteúdo, com mais gordura para queimar, com muito gordura, aliás, para queimar. E nós queremos queimar essa gordura fazendo a boa física, que é o bom investimento para gerar mais riquezas para o nosso país.

Eu quero dizer a cada trabalhador, a cada empresário, a cada companheiro que está aqui presente, que o Brasil não tem retorno. A economia



brasileira vai crescer de forma consistente. Eu sei que, de vez em quando, Marinho, na época em que o Copom se reúne, tem pessoas que entram em TPC, aquela tensão pré-Copom. Acontece que, concretamente, nós temos uma coisa neste país que é fantástica; nós temos neste país os brasileiros, com uma garra imensa. Nós, do governo, precisamos passar para as pessoas a certeza de que eles podem investir. Nós fizemos o que tinha de ser feito em apenas um ano, ao contrário de pessoas que não conseguiram fazer em dez, 12, 15 ou 20 anos. E nós sabemos que, cada coisa que tiver que fazer, nós vamos fazer neste país.

Eu tenho dois anos e três meses de mandato, e eu acho que a gente pode fazer infinitamente mais do que foi feito. Agora, é preciso que os companheiros assumam as responsabilidades junto conosco, de que construir este Brasil dos nossos sonhos não é uma tarefa do Presidente, não é uma tarefa de um ministro, não é uma tarefa de um companheiro, é uma tarefa de uma sociedade, de nós acreditarmos que é possível fazer, e fazemos juntos.

Até porque vocês sabem que eu tenho a minha consciência muito tranqüila, e nada melhor do que dizer aqui, na Petrobrás, porque foi aqui, nesta cidade, foi aqui nesta região que eu levei o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo a fazer a primeira greve de solidariedade e, por isso, foram caçados durante não sei quantos anos. E, depois, a greve dos petroleiros não durou o tempo que eles diziam que ia durar, e nós ficamos pendurados. Mas isso faz parte da luta.

Eu poderia dizer aqui, para vocês: eu trabalho com a consciência tranqüila e cada ministro meu trabalha com a consciência tranqüila, de que a gente pode não fazer tudo que vocês gostariam que a gente fizesse, mas a gente faz tudo aquilo que está ao nosso alcance produzir.

Eu, por exemplo, fiquei muito feliz, no domingo. O Corinthians perdeu do Atlético, de 3 a 1, mas pelo menos houve um esforço. Duro é quando perde sem se esforçar. Pelo menos houve um esforço.



Nós temos consciência das nossas responsabilidades. E podem estar certos de uma coisa, meus companheiros: eu digo, todo santo dia, que o grande legado que eu quero ter quando deixar a Presidência da República é ter conquistado o direito de andar de cabeça erguida, como eu andava antes de ser Presidente da República – porque muitos nunca mais saem na rua – e sem nenhuma preocupação de fazer qualquer debate, com qualquer companheiro, sobre qualquer tema, porque eu acho que o debate é o que vai conseguir solidificar a nossa incipiente democracia.

Este ato, aqui, significa emprego; este ato significa desenvolvimento; este ato significa que o Brasil está se ocupando geograficamente, com gás, com tecnologia, e que a gente possa fazer com que a nossa riqueza seja transportada para todos os quadrantes do nosso país.

Eu quero, portanto, meu caro Ildo Sauer; meu caro José Sérgio Gabrielli, diretor da Petrobrás; meu querido José Eduardo Dutra, se eu pudesse dizer alguma coisa eu diria, hoje: valeu a pena colocar um sindicalista na presidência da Petrobrás.

Muito obrigado a vocês. Muito obrigado, meu amigo Cláudio Lembo. E vamos à luta.